

Sofia A. Carvalho
(coordenação geral)

TEIXEIRA DE PASCOAES

Pensamento e Missão

Annabela Rita | José Eduardo Franco
(coordenação científica)



Edições Colibri

2017

SAUDADE DO FUTURO E RETORNO À INFÂNCIA OU DE COMO *MARÂNUS* INTENTA O *REGRESSO AO PARAÍSO*

Artur Manso¹

Uminho – IE/CIED

Existir não é pensar: é ser lembrado
(Teixeira de Pascoaes)

Todas as almas são igualmente perfeitas
(Teixeira de Pascoaes)

Tenho, às vezes, saudades do futuro
Como se ele já fora decorrido...
Um sentimento escuro
De quem, antes da vida, houvesse já vivido
(Teixeira de Pascoaes)

1. Neste texto proponho uma linha de leitura dos poemas maiores de Teixeira de Pascoaes (1877-1952), *Marânus* (1911) e *Regresso ao Paraíso* (1912) sob o signo de um regresso à infância, ou do papel que esta ocupa no decurso dos mesmos.

Não sendo especialista em poesia nem no denso pensamento de Pascoaes enveredarei por uma via interpretativa que considera o regresso ao paraíso e o retorno à infância como momentos primordiais que encerram o que o homem, já adulto, deve ser. A descrição maior deste estádio coincide, na tradição ocidental, com a narração helénica da Idade do Ouro, e na judaico-cristã com o relato do Paraíso. A experiência mais próxima que cada um de nós poderá ter dessas explanações é a da infância que experienciou.

Poder-se-á, contudo, questionar como é que esse tempo primordial de contentamento e felicidade se compatibiliza com as descrições pessimistas da existência a que Pascoaes dá ampla expressão. Não o faz solitariamente mas na tradição que confere a este retorno um sentido máximo. Com ele, no

¹ amanso@ie.uminho.pt.

tempo dele e entre nós, é acompanhado por Fernando Pessoa e Agostinho da Silva, mas em outras latitudes, Jesus Cristo, Rousseau e F. Nietzsche foram exímios nessa descrição. Todos com percurso semelhante: solitário, agónico, obscuro, paradoxal. Nenhum se ilude com a promessa de uma felicidade terrena, comungando, assim, do sentido dual da tragédia grega: o abismo entre o que se vê e o que se intui e a impossibilidade de unir essas realidades separadas. O excesso dionisiaco e a apolínea medida exacta. O regresso à infância não poderá contar apenas com o esforço de cada um. O princípio da individualidade tem que devir em princípio da unidade.

Se a criança tem como qualidades e virtudes a alegria, disponibilidade, curiosidade, admiração, criatividade, o jogo e a fantasia, à medida que cresce e se torna adulto estas características são substituídas pela passividade, a culpa, o conformismo, a ausência de sonho, a repetição rotineira, o interesse primeiro assente na capacidade de gerar e deter riqueza, a submissão da imaginação aos ditames da razão. Nietzsche escrevia em *Para além do bem e do mal* que “A maturidade do homem consiste em ter reencontrado a seriedade que tinha no jogo quando era criança”. E de certo modo é essa a tarefa de Marânus: voltar ao que foi para se encontrar com o que é.

Para o que nos interessa, fixemos os poemas redentores aqui em causa, aos quais poderíamos associar outros da autoria de Pascoaes: *Senhora da noite* (1909); *Verbo escuro* (1914); *As sombras* (1907); *O doído e a morte* (1913); *Elegia da solidão* (1920) e *Belo* (1896/7); *A minha alma* (1898); *Para a luz* (1904). Pelo facto de os títulos luminosos e sombrios se apresentarem simultaneamente podemos falar de um desfilar paralelo que se sucede, como se fosse o dia e a noite, o Verão e o Inverno, a luz e a sombra. Ou, retornando à antiguidade clássica, o princípio dionisiaco e apolíneo. O autor destas linhas tem sentido ao longo dos anos que o levam da juventude à velhice, este quadro contrastante que a Serra do Marão encerra. Desde há muito que, com frequência, atravessa este lugar místico, experimentando as transformações profundas que ciclicamente se repetem: invernos sombrios, nevoeiros densos, a natureza a mirrar, árvores esqueléticas que seguram as fragas penduradas que ameaçam a nossa integridade, mantos de clara neve e espessuras variadas de gelo cristalino que demora a derreter a que, com toda a naturalidade se segue o sol radioso primaveril, o verde matizado, o cheiro inebriante de gestas e estevas, de rosmaninho, mimosas, açucenas e malmequeres que em tempos pascais, anunciam a reconciliação.

Vejamos então, o que nestes poemas indicia o regresso à Infância, que aqui corresponde ao Paraíso perdido. Pascoaes em 1911, ano de publicação de *Marânus*, tinha 34 anos, viveria ainda mais 41 até ao falecimento em 1952. Estava por isso perto do meio da sua existência. Não sendo ainda velho, já possuía uma intensa existência criativa.

Aqui percorrerei os textos das seguintes edições: “Marânus”, em *As Sombras. Senhora da Noite. Marânus*, Círculo de Leitores, 1973, pp. 185-349 e *Regresso ao Paraíso*, Assírio & Alvim, 1986.

2. Marânus é o indivíduo que se confunde com a natureza e são os seus encontros com ela que o tornam vivente

Marânus era o ser que divagava,
 Consigo, pelo mundo solitário.
 A sua própria alma o alimentava
 E dava-lhe a beber das suas lágrimas. (p. 189)

E nessa errância por si escolhida “Empecera-lhe a noite. E, desde então, / Rodeado de espantos e de assombros, / Vive numa perpétua inquietação” (p. 189).

Em tal demanda encontra-se com Eleonor, a deusa, a amante mas também a mãe que cuida, consola e ampara ante a ilusão e a quimera que se esvanece à medida que se cresce e, em simultâneo, convive com a humana pastora. Na lembrança da primeira e na presença da segunda, percorre a natureza luxuriante do Marão, que o deslumbra pela mutação contrastante das estações. Por um lado sonha com a deusa, por outro torna-se um com a natureza pela ligação à pastora, com a qual exercita os sentidos e experiencia o prazer. Esta é a melhor maneira de juntar a física à metafísica, a crueza da sensualidade terrena que nos condiciona à quimera da beleza divina que nos fascina. Em comum, ambas as experiências são enquadradas pela Saudade que Eleonor lhe recomenda

Ouve aquela palavra, que é saudade.
 Verás como reduz a tua raça,
 No que ela tem de funda intimidade
 Religiosa, mística, infinita! (p. 194)

A qual se apresenta em o *Regresso ao paraíso*: “Sou a esperança, ou, antes, a saudade; / A esperança é saudade do futuro, / A saudade é esperança no passado... (p. 92).

E tanto viria a dar que falar a Saudade por esses tempos e pelos que se lhe sucederam. Debate que, aliás, ainda hoje se mantém vivo. Alguns especialistas de linguística e tradução, em Portugal e no estrangeiro, continuam a colocar a Saudade nos termos intraduzíveis da língua portuguesa, juntamente com alguns (poucos) de outras proveniências. A própria experiência do quotidiano disso nos dá conta. Veja-se o que de Portugal mais cativa os povos estrangeiros: o fado, alguma outra música, a destacar *Madredeus*, a poesia, nomeadamente a de Fernando Pessoa. E o fio condutor a estas manifestações

criativas é o sentimento saudoso, a capacidade de provocar emoções em cada um que lhe afloram o que poderá vir a ser, ao mesmo tempo que lhe provocam a nostalgia do tempo ido, nomeadamente da infância, onde tudo existia, sem tempo, sem forma, sem projecto, na modelagem de um eterno presente que parecia não ter fim.

Nesta experiência, paradoxalmente, a adultez representa o afastamento do tempo da felicidade, e o remédio para atenuar essa dor passa pelo amor: o amor aos outros e às coisas, isto é, a íntima ligação do indivíduo a tudo aquilo que o rodeia sem o qual nada poderia aspirar, nem se conheceria. Marânus desabafa com a pastora que, ao contrário de Eleonora, é de carne e osso

Ai de ti! Ai de mim! Tu és a dor!
 Eu sou também a dor! E qual a chama
 Que outra chama extermina? Eu quero amar
 O que é eterno e vivo e que não ama! (p. 205)

Este amor, mesmo que dor, entre os humanos, faz uns e outros partilhar do mesmo sentimento de imperfeição e do limite das nossas acções. Cada um de nós só existe porque o outro é connosco. O poeta amarantino para afirmar o que separa o mundo fragmentado da ideia unitária de onde parece provir faz falar ambas as personagens femininas: a deusa e a pastora.

Diz Eleonor

Sou aquela que é amada; mas não amo,
 Porque o amor odeia o que é eterno;
 E as suas labaredas se alimentam
 Do que é mudança, tempestade, inferno! (p. 208)

A que a pastora contrapõe

Essa tua quimérica beleza,
 De deusa e não humana, desconhece
 A sagrada volúpia da tristeza
 E o antegosto abismático da morte. (p. 209)

O amor surge, assim, como uma espécie de compensação da morte. Contudo, entre o real e a ficção, entre a carne da pastora e o espectro da deusa, entre a possibilidade de amar e ser amado ou do amor unidireccional, Marânus escolhe manter-se mais próximo da carne e menos exposto à quimera da representação. E por isso continua, na sua errância, a caminhar e a perder-se na paisagem com a qual se confunde. A verdade é que, tentado o caminho de regresso, não parece ser possível percorrê-lo e Pascoaes, ciente dessa dificuldade, aponta, então, a Saudade como modeladora permanente da (re)construção do mundo

E Marânus seguira, com os olhos,
Aquele vulto pálido e sozinho.
E, como enlouquecido, desejava
Ficar e continuar o seu caminho! (p. 213)

Esta vontade de viver que se arrasta pela criação devém, então, na *metafísica do artista*. O indivíduo sente o que a natureza é: um misto de sensações contraditórias que se movem para a mesma finalidade, isto é, querer ser tudo em toda a parte, retornar em definitivo à unidade perdida. Só com o tangível, na presença do que inunda os sentidos que a natureza toda representa é que Marânus se sente mais próximo da sua origem

É a Natureza, sim, no seu perpétuo
Desdobramento anímico e profundo,
Criando um novo céu, além do céu,
Criando um novo mundo, além do mundo. (p. 215)

É difícil o caminho, íngreme a montanha, indecisa a finalidade. A crença de que o que ocorreu no passado, na nossa infância, continua a marcar a passagem dos dias, é a certeza que alenta cada passo

Gostava de sofrer a etérea mágoa,
Que nos prende ao Passado. Na verdade,
Um homem só se encontra no que perde,
Porque ele abrange o espaço e a eternidade. (p. 222)

Na compreensão, agora, de que no passado, reside a plenitude do seu ser e na consciência que esse legado marca aquilo que se é, expendemos o nosso esforço na finitude em que nos movemos, de olhos postos no futuro, olhamos o passado como uma miragem. A angústia que conosco vive renova-se à medida que o princípio da individuação se torna mais forte e a razão obstaculiza o sentimento. Marânus reflecte esse mirrar da natureza no seu caminhar e, auxiliado pela Saudade, vai recriando o mundo em que decorre a sua existência. Mais perto do que fui me torno naquilo que sou, mas o que sou só encontrará a razão de ser, quando se puder afirmar enquanto acto criador, que é diverso da criação artística: esta ajuda a transformar, o primeiro ensina a (re)tornar

O seu gosto era ilhar, isto é, criar,
Converter em humano sentimento
A espiritualidade azul do ar,
Cores, perfumes, sons primaveris. (p. 241)

De mãos dadas com a Saudade seremos um com a natureza e com ela nos abriremos à recriação do que existe. Para poder apreciar a beleza do

Universo, Marânus caminha como um mendigo vagabundo, sem propósito nem destino

Ó Saudade! Ó Saudade! Ó Virgem Mãe,
Que sobre a terra santa portuguesa
Conceberás, isenta de pecado,
O cristo da esperança e da beleza! (p. 247)

São os pastores, conhecedores dos mistérios da noite, que anunciam o futuro: estiveram no nascimento de Jesus e agora ganham relevo no ressurgimento de Marânus. Nos dois momentos são testemunhas do tempo que há-de vir, da natureza que se transforma e renova, embora pareça que permanece sempre igual

Vive, em mim, o Futuro, porque eu sinto
A aurora que há-de vir... porque já ouço
O cântico remoto, mas distinto,
Das aves que ainda estão para nascer...
Pois em mim, tudo vive... (p. 304)

É a melancolia e a Saudade que transformam cada um de nós num ser senciente mais próximo daquilo que já foi: “E Marânus sentia, mais alegre, / Tornar-se vida, amor, fecundidade, / A sua antiga e mística tristeza” (p. 329).

Quase redimido, o indivíduo que Marânus representa quer agora que a lembrança do passado, da meninice, o resgate e o conforto junto aos outros seres

E entre as velhas lembranças, a sorrir,
Percebia-se o vulto da esperança.
Vê-se a imagem das cousas que há-de vir,
A sagrada lembrança do Futuro. (p. 339)

Naturalmente o futuro a vir é lembrado porque dele já se teve experiência. É uma má orientação da existência que nos cria o afastamento e o esquecimento que é necessário reverter

E já num sonho etéreo, imaginário,
Marânus se afundava e diluía...
E logo viu faltar-lhe suavemente
Aquele peso bruto que o prendia
Ao saibro duro e às fragas da montanha. (p. 340)

A Saudade traz a lembrança do passado e a revelação do futuro, justificando dessa forma o reino que há-de vir que mais não é que aquele que sempre foi

Daquele ser anímico e perfeito,
Inefável, extática, vivia...
Vivia, de encantada, e viverá!
Pois tudo, tudo há-de passar, enfim,
O homem, o próprio mundo passará,
Mas a Saudade é irmã da Eternidade. (p. 349)

A existência é um género de ilusão, está coberta por um manto que a deixa apenas entrever e onde cada um desempenha o papel que sempre lhe coube. A vida parece ser o lugar de esquecimento do tempo primordial e quando a ele pretendemos voltar, tudo nos parece sombrio. Marânus, como cada um de nós, percorre um caminho onde deixa marcas e quando decide voltar ao que abandonou, esses traços são imperceptíveis e o rumo torna-se incerto.

3. Marânus, de carne e osso, empreendeu o caminho da redenção pela natureza que se recolhe na Serra do Marão que aqui corresponde ao mundo todo e representa o esforço de retornar à inocência da infância ou ao estado místico do paraíso perdido. A infância, de uma maneira ou de outra, é uma experiência pela qual todos os indivíduos adultos, obrigatoriamente, passam, enquanto o regresso ao paraíso é o intento de voltar a uma condição primordial, a que nenhum humano alguma vez teve acesso. Nestes poemas, Marão é o estado da efectiva materialização dos desejos de cada um, e o Paraíso, por seu lado, é o lugar utópico que cada ser deseja alcançar, e como diz Agostinho da Silva é o “Jardim de encanto em que nem penses que és: em que apenas sejas. Sem perguntar o quê”.

O conhecimento do bem e do mal corou a transgressão. O casal do Éden, em nome da liberdade, não quis permanecer ignorante e, desobedecendo, passou a entender. Preferiu o risco da mortalidade ao estado de felicidade perpétua, tornando-se dono do seu destino e não um mero prolongamento da perfeição divina. Em consequência de tamanha ousadia e de outras que se sucederam, a vida humana passou a desenrolar-se no reino de Satã, que tinha sido o anjo preferido de Deus, a quem, pese embora o desvio, lhe foi outorgado o novo reino dos seres desobedientes. Note-se que a Satã foi concedido o reino da terra e não apenas o do inferno, mesmo que a tradição e a teologia se tenham preocupado em distinguir ambas as realidades. A terra é assim, mesmo que propriedade de Satã, o lugar do meio, o sítio neutro, de onde o indivíduo se pode elevar para o reino de Deus, a plenitude celeste, ou descer para os confins da escuridão, o império do Demónio

Aqui, no inferno, neste sítio lúgubre,
A criatura expia o velho crime
De se ter entregado às mãos da Morte,
Havendo sido dada à luz da Vida. (p. 16)

Este tempo de degradação que se instaurou com o princípio do conhecimento, com a capacidade de escolher que todos passaram a auferir, abriu a possibilidade de poder comparar o que se ganhou com aquilo que se perdeu

Depois, lembrou seus tempos de inocência;
As primeiras manhãs, a idade de ouro;
E a sua antiga vida, tão perfeita,
Tão simples, que era quase vegetal. (p. 24)

Vida simples e perfeita, mas para que Adão pudesse ter noção dessa simplicidade e perfeição teve de abandonar o estado original, pois nele, onde tudo era um, não tinha consciência de nada

E Adão, meditativo e taciturno,
Parecia envolvê-lo a fria sombra
Da tarde em que saiu do Paraíso.
E via desenhar-se, nos saudosos
e afastados confins do seu Desejo,
Um novo Adão longínquo... E assim ficava
A olhar, a olhar, no vago da sua alma... (p. 25)

Na nostalgia do tempo ido, com o pensamento voltado para o lugar onde foi feliz, mesmo que não o sabendo, ou melhor, só o sabendo mais tarde por comparação, Adão pode rememorar

E a mística lembrança novamente
Subira à superfície de seus olhos,
Neles pintando edênicas visões...
E o sol da Idade de Ouro
Como que amanhecia, na distância
Dos Tempos enevoados... (p. 26)

Satã, respeitador da determinação que o homem sempre mostrou, com a capacidade de sofrer em consequência das decisões mal calculadas, reconhecendo essa qualidade a que deve a miséria da vida que lhe coube em sorte e contando, também, com essa teimosia naquele que agora é o seu reino, a terra, lembra a Adão: “– Tivesse sido de homens e não de Anjos / O meu primeiro exército... / O Céu seria hoje o meu Império!” (p. 39).

Anjos e homens não são seres distintos, pois no tempo primordial apenas existiam os primeiros: os homens são uma espécie de anjos caídos, que só aparecem depois de o paraíso se ter desfeito. Encetado o esforço redentor, o homem descobriu o amor enquanto força unitiva das realidades oponentes: homem-mulher; homem-Deus; homem-natureza

Duas almas, por mais enamoradas,
 Ante o fulgor anímico das cousas,
 Deixam de se entender directamente,
 Porque lhes foge a voz, porque ela desce
 À sua negra origem de silêncio... (p. 52)

E ao amor, neste acto de salvação, junta-se a beleza, manifestação essencial de tudo o que verdadeiramente é: “E é só por intermédio da beleza, / Contemplada e vivida, que se falam / E beijam, num idílio” (p. 52).

Amparados pelo amor e confortados pela beleza, caminham os viventes ao encontro da existência tranquila que na infância ou no paraíso foi possível experienciar, mesmo que não tendo disso consciência bastante. Rompido o ciclo da inocência com a expulsão do paraíso e a afirmação da escolha individual, as tonalidades do que se oferecia ao homem passaram a ser muito mais intensas e a capacidade de cada um as interpretar dentro do todo de onde provêm, constituiu-se como uma obsessão

O encanto do luar e da paisagem,
 Sua antiga memória penetrando,
 Nela ressuscitaram as primeiras
 Horas da vida original,
 Quando a luz era Luz, e Flor a flor;
 O período da Infância, o Áureo Tempo,
 O Ciclo da Inocência... (p. 53)

Neste percurso de autoconhecimento, o homem Adão que nunca se deixou vencer pela situação em que veio a cair, tal como o melancólico Marânus, são guiados e amparados pela Saudade. Fica claro que a razão de ser da Saudade se deve ao facto de cada indivíduo estar afastado do seu lugar original e sentir um profundo desejo de a ele poder voltar. A Saudade será determinante para que cada indivíduo venha a quebrar o princípio da individualização e a ficar mais conhecedor de si mesmo

E a mística Saudade, a Virgem nova,
 A Mãe dum novo Deus,
 Apontou-lhes, num gesto de piedade,
 Nas neblinas do longe, esse lugar
 Onde existiu, outrora, o Paraíso. (p. 54)

A racionalidade que se aguça à medida que vamos crescendo, a pressa de voltar as costas ao lugar da infância, onde parece que somos mais frágeis, totalmente dependentes e ignorantes, deixa com o tempo uma imagem construída do que aí vivenciamos e quando lá queremos voltar nem sempre conseguimos descortinar aquilo que continuamos a procurar. Ou

então é a presença nesse lugar, com a experiência adquirida, que cria a desilusão da aproximação a esse espaço primordial: “E vendo Adão e Eva assim mudado/ O sagrado lugar da sua Infância, / Amarga, fundamente entristeceram...” (p. 56).

De facto, como lembra o poeta amarantino

São o mesmo fantasma as criaturas,
Antes do nascimento e após a morte...
Porque entre duas sombras existimos;
Sombras que infundamente se prolongam
Ou para além do berço ou do sepulcro. (p. 70)

Tornados autónomos e saídos da tutela da infância, calcorreamos uma existência que não nos dá tréguas e nos confunde as nossas escolhas, pois

Em nós, há qualquer coisa
De eterno e inconfundível, que se imprime
No sorriso, no olhar, no pensamento;
– Qualquer coisa que vive, além de nós,
E nos assinalou, e é na obra de arte
O espírito do Artista.
Neste sinal, existe a estranha origem
Do amor, da antipatia, e constitui
Talvez esse elemento essencial,
Primordial do ser. (p. 82)

O mundo é-nos dado para nele habitar, mas essa oferta é apenas a porção que nos colocam à frente para que a possamos moldar à nossa maneira, transformando-a à medida que adquirimos mais conhecimento, dando-lhe as configurações que achamos mais adequadas. É por isso que o espírito do artista deve orientar a nossa existência, pois só dessa forma ajudaremos a recriar o dado bruto posto à disposição de todos os existentes. A (re)construção terá como princípio primeiro, como preocupação essencial, recuperar a felicidade da infância, ou pelo menos assim pressentida. Mas este tempo primordial não é apenas um período de passagem e jamais poderá ser encarado sob o ponto de vista psicológico: “O sagrado luar da sua Infância / Acompanhava-o sempre, encarcerado / Na prisão infinita dos seus olhos...” (p. 83).

Deve ser, então, de clara luz toda a ambiência infantil

E Adão, na milagrosa renascença,
Na virgem primavera espiritual,
Sentia o claro sol da idade de ouro
Dominar o seu íntimo negrume. (p. 83)

Desejo da infância ou retorno à Idade do Ouro, fé no que há-de vir e expectantes do que se irá encontrar, a Saudade torna presente: “Comigo voltaeis à nova Infância, / E nova Infância é nova tentação...” (p. 92).

Porque, como diz Adão e com ele cada indivíduo, “A mim me condenei! / Eu mesmo hei-de salvar-me!” (p. 117).

Nem poderia ser de outra maneira. Ao homem foi dada a faculdade de escolha, foi-lhe concedida a liberdade, o que o torna responsável pelas opções que vier a fazer. Ao conhecimento, juntou-se o sofrimento e, desde esse momento, a Saudade tornou-se sua companheira inseparável, sendo a protectora genésica daquilo que há-de vir. Tal como Adão prescreve a Satã

– Vai: cumpre o teu destino,
Alma estéril e morta, que não vês
A florescência espiritual das almas
Viventes e fecundas. (p. 120)

E continua a sua advertência: “Não vês porque não crias; e, portanto, / És um descrente, e ris como as caveiras!” (p. 121).

Ou seja, a criação é o que garante ao homem o retorno ao que já foi, a conquista da felicidade que já sentiu, o lugar primordial que já ocupou. É tempo, portanto, de Adão implorar a Satã: “– Expulsou-me teu Pai do Paraíso! / Fechou-me a porta em flor da minha infância. / Abre-ma tu, agora!” (p. 164).

O pai de Satã é também o pai de Adão, mas, enquanto o primeiro representa a divindade perdida e recebeu a terra como seu reino, o segundo representa a humanidade decaída e é movido pelo desejo da reconciliação

Vede o Homem sonhando; e, pelo sonho
Remindo as ermas cousas transitórias,
Concluindo a imperfeita Criação,
Que Deus iniciara...
A antiga carne,
Selvática, feroz e com vestígios
De brutas pedras, nuvens e raízes,
Fez-se imortal Espírito divino... (p. 168)

Não foi o acaso que tornou o homem penitente, mas o anseio da liberdade: para criar, para amar, para escolher... pois só essa originalidade lhe permite dar um sentido à vida que se desenrola diacronicamente entre o nascer e o morrer, guiada pelo desejo de que o futuro lhe venha a revelar o passado

E a árvore da nova Fé
Levanta para o sol os ramos verdes;
E na amorável sombra que projecta
Rebrilham, como estrelas, os dois olhos
Da cobra tentadora. (p. 168)

4. Na leitura que aqui deixo de ambos os poemas, não cabe nem comparar, nem criticar teorias e modelos de interpretação da realidade, mesmo que o panteísmo esteja omnipresente. O Universo contém tudo o que existe e tudo que existe já é desde o seu início. Como fazia saber Espinosa só o Universo é real e Deus é a soma de tudo aquilo que ele contém. Mas já antes de Espinosa, estóicos, neoplatônicos, Giordano Bruno e outros, tinham insistido nesta interpretação.

O poeta amarantino propõe-nos, neste itinerário libertador a ascese platónica, um caminhar pelas *sombras* até que a *Luz* seja entrevista por cada um, pois a redenção não é singular, não se coloca ao nível do indivíduo, mas de todo o Mundo, mesmo que cada qual deva ter o seu cuidado com a instituição do que há-de vir, da realidade una, indistinta, indiferente e universal.

Só se pode regressar àquilo em que já se esteve e unicamente Adão e Eva conheceram o paraíso, onde apenas foram felizes enquanto se mantiveram ignorantes de si mesmos e do lugar que ocupavam. A saudade do paraíso é um desejo quimérico, com um referente que jamais foi experienciado por qualquer indivíduo. O regresso à infância, ao contrário, representa a genuína vontade de recuperar aquilo que efectivamente fomos. Nos dois modelos, o do paraíso e o da infância, o princípio da individuação não está presente e é por isso que, independentemente da experiência de cada um, ambos os estados parecem estranhos ao homem racional.

Em *Marânus* a relação homem/natureza/imanência é dominante e o *Regresso ao paraíso* é marcado pelo vínculo homem/divino/transcendente, o que leva Agostinho da Silva, no prefácio à edição aqui usada, a considerar este poema como “poético, ou filosófico, ou teológico”. A saudade é então a fusão da lembrança do passado e o desejo do que se quer que venha a ser. Sintetiza os pólos em que a existência se processa: passado e futuro; luz e sombra; natureza e transcendência; homem e Deus; pecado e perdão; infância e velhice. Tudo o que a existência contém procede do homem universal, daquele que em si se vê como um prolongamento da natureza e uma parte de Deus que se configura na sua própria imagem.

É óbvia a correspondência entre a meninice e o retorno que o poeta tenta, mas ao evocar esse tempo primitivo sente-se defraudado pela razão e pouco valorizado pelo sentimento. O homem *Marânus*, que representa cada um de nós, encontra-se mais abandonado do que o casal mítico Adão e Eva, que não representa o indivíduo, mas sim toda a humanidade.

Em ambos os poemas o tempo é linear, composto de passado, presente e futuro, mesmo que o futuro que se deseja coincida, em parte, com o passado que já foi. O retorno ao passado não se constitui como voltar àquilo que já fomos, mas sim ao reconhecimento de que aquilo que fomos só se tornou

definitivo para cada um depois da experiência vivida no decurso do tempo em que o indivíduo se desgasta, com a consciência do que deixou e na incerteza do que há-de vir. De uma maneira geral, é a tentativa de recuperar o paraíso perdido que se confunde com a idade do Ouro tão bem descrita na tradição helénica, onde predomina a total liberdade, a igualdade, a ausência de propriedade e a vida simples. Estas características da idade do Ouro eram contraditoriamente perseguidas pelos helénicos privilegiados que dominavam uma sociedade estratificada, onde um reduzido número de homens, e apenas homens no género, de facto eram livres e poderiam aspirar a algo semelhante a esta plenitude, pois mulheres e crianças, estrangeiros e escravos, que constituíam a imensa maioria, viviam em inteira opressão e no obscurecimento forçado.

Porventura, é no reconhecimento destas graves faltas que, naturalmente, o poeta amarantino nos adverte de que não há um paraíso ou uma redenção individual. O paraíso espera por todos, ou melhor, por tudo aquilo que existe e que será redimido ou (re)conduzido à unidade de que se encontra afastado por acção do Homem: o indivíduo e tudo que constitui a natureza fazem parte de Deus, que é a substância composta de todos os outros modos, que se encontram fragmentados no conhecido e também no desconhecido.